

Idéia de horizonte e mundo na fenomenologia Husserliana¹

Luigino Valentini²

O trabalho compõe-se de duas partes: a primeira analisa as idéias de horizonte e de mundo em algumas obras de E. Husserl; a segunda aplica estas duas idéias à análise do vivido de uma Comunidade Eclesial de base do Bairro de São Mateus, em São Paulo. O trabalho evidencia a importância da idéia de horizonte na fenomenologia husserliana, sua profunda relação com a idéia de mundo e suas implicações do ponto de vista lógico e metodológico. Na dimensão do horizonte se desvela uma nova maneira de ser da racionalidade e da sua tarefa infinita como luz capacitada a constituir o sentido da realidade.

Palavras chave: intersubjetividade, horizonte, mundo, Husserl, fenomenologia.

Abstract

The idea of the horizon and the world in the Husserlian phenomenology

The work has two parts: the first one analyses the ideas of horizon and world in some E. Husserl's works, the second applies these two ideas to the experience of life analyses of a Basis Ecclesiastical Community of São Mateus district, in São Paulo city. The work makes clear the importance of the horizon's ideas in the Husserl's phenomenology, its deep relationship with the world's idea and its implications since the logic and methodologic points. of view. In the horizon's dimension, is unveiled a new way of being for the rationality and its infinite task as light capable of constituting the sense of the reality.

Key words: intersubjectivity, horizon, world, Husserl, phenomenology.

A literatura husserliana mais madura, especialmente as "Idéias", a "Crise" e as "Meditações", é rica em passagens que testemunham o fato de que Husserl estava interessado em mostrar como o mundo se dá dentro de seu horizonte, e não existe senão dentro dele. Esta visada é essencial, para quem abre os olhos diante do mundo, ou para tomar consciência dele.

É interessante percebermos o significado do horizonte em seu sentido mais geral.

O horizonte, para Husserl, é a possibilidade de que a realidade sem limites, que está "à mão" do sujeito, a realidade por ele vivida, passe de uma situação de indeterminação, de obscuramente percebida, a um delineamento tal que o mundo consiga desenhar-se com mais nitidez na consciência do mesmo sujeito. Aquilo que é atualmente percebido, e mais ou menos co-presente e determinado, embora sempre de maneira imperfeita, é em parte atravessado, em parte circundado por um horizonte de realidade indeterminado e obscuramente conhecido. Esta neblina se povoa de possibilidades que aos poucos vão assumindo a forma do mundo como mundo que consegue dar-se com mais determinação (Husserl; 1976, p. 58).

1. Trabalho realizado para a análise do vivido de uma comunidade eclesial de base.

2. Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Lateranense; Roma; Mestre em Filosofia de Educação pela Pontifícia Universidade Católica, São Paulo; Coofundador do Centro de Estudos Fenomenológicos São Paulo.

Este horizonte, enquanto portador de um sentido, se dá de forma geral no sujeito que tem a consciência de viver nele. É pessoal mas, ao mesmo tempo, descortina-se dentro do relacionamento intersubjetivo e, por isso, é também horizonte da intersubjetividade. Ele se apresenta com a característica essencial de horizonte vivente e da vida intencional. Há, portanto, um horizonte no vivido do sujeito, na percepção, na experiência, na reflexão, no cogitatum.

O lugar deste horizonte é o mundo que não pode ser pensado a não ser em sua dimensão temporal. O sujeito vive neste mundo e ele mesmo é este mundo na atitude natural, ou seja, de forma ingênua enquanto este mundo não é penetrado e encontrado totalmente por ele.

Pela epouê, pela redução fenomenológica, o sujeito se descobre como mundo-da-vida. Superando a ingenuidade, o senso comum, os preconceitos, a objetividade, o sujeito chega ao âmago do mundo e de si mesmo neste mundo. Este é o ponto mais alto da conquista humana e o sujeito posiciona-se nele: é o descortinar-se do horizonte transcendental em que o sujeito se descobre, se encontra e se posiciona como sujeito no seu mundo incindível, enquanto ligado na relação intencional; encontra-se e se descobre como sujeito em relação. É neste momento que se constituem os sentidos de si e do mundo, e se determinam os múltiplos relacionamentos dos sentidos. O mundo assim elucidado é um mundo aberto para ser explorado, em que existem a multiplicidade e as coisas singulares, onde é possível a investigação de novas correlações. O sujeito, com sua ação, move-se neste horizonte do mundo (Husserl, 1976, p. 98).

As coisas se dão à maneira de “aparições” nas quais se distingue um núcleo de elementos efetivamente representados, circundado por um

horizonte de outros elementos de menor ou maior indeterminação, que são dados, juntamente com as primeiras, em que as indeterminações se determinam cada vez mais para transformar-se, elas próprias, em dados claros.

Estas determinações levam consigo um sentido; pelo fato do sujeito ter “consciência de” algo, intenciona algo; elas “se conjugam num progressivo enriquecimento de sentidos e numa progressiva formação de sentidos” (Husserl, 1960, p. 185).

Cada um sabe que vive no horizonte pessoal, puramente “egológico” (Husserl, 1961, p. 197) e também “tem consciência de viver no horizonte dos outros homens e de poder entrar com eles numa conexão, ora atual, ora puramente possível; e isto vale também para eles (coisa que eles também sabem), ora em comunidade atual, ora em comunidade potencial” (idem, p. 191). “Os outros sujeitos desta experiência são, para mim e para qualquer um, horizonte aberto dos homens, com que é possível encontrar-se e que podem entrar comigo, e com os outros, numa conexão atual” (idem, p. 192).

Mais radicalmente: na intencionalidade vivente-fluente que constitui a vida de um sujeito egológico, são preliminarmente implicados, intencionalmente dados, os outros eus no modo da entropatia, no horizonte da entropatia (Husserl, 1976, p. 274). É este o horizonte da intersubjetividade.

“Assim a toda consciência, como consciência de algo, pertence a propriedade essencial não só de ter a propriedade geral de passar a novos modos de consciência, sendo consciência do mesmo objeto que ela contém intencionalmente na unidade de

'sintesis', como sendo identicamente objetiva, mas, também de ter uma possibilidade efetiva, porém só daquela intencionalidade de horizonte" (Husserl, 1960, p. 50).

O horizonte assim descrito é "horizonte vivente" (Husserl, 1961, p. 176-7) isto é, o eu está sempre mergulhado numa atmosfera de validades mudas e ocultas, mas de alguma forma ativas, participantes, que podem se tornar intuições atuais.

A experiência também tem seu horizonte: toda experiência tem o seu centro de efetiva e determinada assunção cognitiva, o seu conteúdo de determinações imediatamente dadas por si, mas, além do centro de determinadas propriedades, além daquilo que se dá como propriamente autêntico, ela possui um horizonte de indeterminação.

Conseqüentemente, toda experiência tem a possibilidade de para o eu, não só explicar as coisas, isto é, aquilo que se dá ao primeiro olhar, aquilo que se dá gradualmente por si, mas, também, de obter sempre mais, de obter determinações novas da mesma experiência (Husserl, 1965, p. 27). O horizonte se dá no interior e no exterior da experiência.

O horizonte vive na reflexão e o sujeito está imediatamente consciente da existência da realidade, mas o seu *Erlebnis* (experiência vivida), que muda de momento em momento, o *Erlebnis* da "representação de", vem à luz, explicita-se somente na reflexão. Em cada percepção de uma coisa está implícito um horizonte de modos de aparições que não são atuais, mas co-participantes, ou seja, de alguma forma ativas (Husserl, 1961, p. 186).

O horizonte é propriedade também do cogitatum enquanto depositário de sentido, e se esclarece pela explicação deste horizonte e dos horizontes que emergem constantemente como novos.

O horizonte constitui-se dentro de seus pólos, o eu e o mundo, sendo portanto horizonte do mundo.

"O mundo é este horizonte aberto, o horizonte dos termos, o campo universal do ente pressuposto por toda práxis e por todos seus resultados. Assim, o mundo é a totalidade do obviamente verificável; ele é "aqui" já na base das finalidades que nos põe e é terreno de todas as outras finalidades que podem dizer respeito ao existente: é o realmente existente". (Husserl, 1961, p. 202)

O sujeito elucidado pela fenomenologia husserliana, comprometido com o mundo, é aquele que coloca sua práxis no mundo e que constitui, de certa forma, o mundo com suas finalidades.

"Este mundo é, para os sujeitos acordados e sempre movidos para algum interesse prático, o campo universal, o horizonte de qualquer práxis real ou possível". (idem, p. 170)

A Lógica do Horizonte

A vista do horizonte do mundo, apontada por Husserl, a possibilidade infinita na qual ele se orienta como horizonte infinito, questiona a lógica, a idéia de racionalidade até hoje produzida.

A idéia de horizonte propõe uma lógica totalmente abrangente, em que o mesmo sujeito possa voltar a ser envolvido de forma decidida

por esta mesma lógica. Por isso é colocada em crise a lógica “objetiva”, contida nas ciências positivas. Esta se revela incapaz de ter dimensão vislumbrada pelo horizonte.

O fato de o sujeito reencontrar seu posicionamento, seu comprometimento no mundo de maneira não “mundana” leva-o à necessidade de alargar as angústias da lógica objetiva e o sentido de racionalidade nela contido. A essencial abertura do horizonte propõe uma lógica aberta ao mundo, uma lógica que tenha a mesma natureza da luz da inteligência, pela sua abrangência: a lógica transcendental.

Husserl aponta para as dificuldades da ciência objetiva: ... “os modos de pensamento e os modos científicos disponíveis no mundo natural e por isso na ciência lógica objetiva, não podem dar nenhuma ajuda, e realizar um pensamento novo e também científico, e através de uma série de passagens preliminares, um método adequado a uma temática ... a qualquer estrada que você percorrer, não chegará nunca a encontrar os limites da alma, tão profundo é o fundo. Qualquer fundo que se alcance indica, efetivamente, para outros fundos; qualquer horizonte que se abra desperta outros horizontes; o todo infinito, na infinidade de seu movimento fluente, é norteado para uma unidade de sentido, mas não é nunca possível alcançá-lo, prendê-lo e entendê-lo completamente” (Husserl, 1961, p. 196).

Na dimensão do horizonte se descobre uma nova maneira de ser da racionalidade e da sua tarefa infinita como luz capacitada a constituir o sentido da realidade.

Neste sentido, a fenomenologia contribui para que a razão possa manifestar-se por aquilo que é, por si mesma; cria as condições para que seja a própria razão a se manifestar; que seja o

logos, a palavra, o discurso da auto-manifestação da razão.

É na dimensão do horizonte que se descobrem os significados ideais e infinitos; a consciência transcendental evidencia o plano de uma constituição de racionalidade, que é essencialmente possibilidade e liberdade.

A razão, assim como auto-revelação, na dimensão do horizonte, por isso como revelação de sentido da realidade concreta em toda a sua dimensão, é afirmação da vida em toda sua concretude, e é o logos semântico e apofântico do ser originário como possibilidade de se libertar de toda banalização das pseudo-evidências e falsas idéias.

O enfoque do horizonte como revelação da razão é a assunção de um método que não permite reduzir a razão e torná-la natural (inadequada), e deixá-la perder-se; mas é a purificação constante do real, traduzindo-se em “essencial” horizonte do vivido pelo sujeito. O racional, então, revela-se produzido para um processo generalizado de desmistificação e purificação radical do já dado.

Análise das entrevistas³

Depois de ter feito a tentativa de entrar no horizonte do mundo segundo o autor que escolhemos como guia, vamos agora nos deparar com o mundo vivido de nossos amigos, no sentido de percebermos o horizonte do seu mundo e o processo que se desencadeia para se descortinar este mesmo horizonte.

3. As pessoas entrevistadas foram as que acompanharam a comunidade Eclesial de Base, do Bairro de São Mateus - SP, no decorrer do ano de 1980, e que tiveram papel de liderança, ou participação ativa em movimentos populares, ou atividades específicas (por exemplo: compra comunitária, movimento de saúde, asfalto, catequese, etc...)

Para compreendermos como se dá a abertura do horizonte do mundo, como ele se processa como fenômeno unitário, torna-se necessária uma análise mais profunda e minuciosa, e que ao mesmo tempo mantenha a unidade do vivido, com toda a sua riqueza. Parece-nos que a escolha de uma das entrevistas seria mais apropriado como resposta a esta exigência, pois percebemos que, pela característica deste fenômeno, o horizonte do mundo, se dá de forma semelhante, com uma ou outra variação nas diferentes entrevistas.

No fluxo das vivências tornadas presentes a nós pela fala e depositadas na escrita, procuraremos viver os vários momentos, ler a interioridade da consciência de Lucinda, em nossa interioridade, no intuito de perceber o seu horizonte do mundo. Nestes vários momentos nos quais procuraremos entrar em entropatia, teremos a atenção voltada para descobrir e escolher aquele onde se realiza, de forma mais evidente, uma redução fenomenológica que consideramos fundamental: qual o momento que evidencia uma redução transcendental, ou seja, a percepção da subjetividade que se coloca em relação com toda a realidade de mundo de forma essencial, melhor dizendo, descobrir qual o momento em que aparece o horizonte transcendental.

Lucinda, moradora do bairro de São Mateus há 14 anos, dona de casa, esposa de Pedrão, que é militante em movimentos católicos, participa da Comunidade Eclesial de Base, por esse mesmo período. Mãe de 4 filhos, no momento da entrevista (3/9/80) está engajada no Movimento de Saúde, trabalhando na Comunidade principalmente neste sentido. Quando mocinha morava no sítio. Nesse tempo pertencia às Filhas de Maria e “era aquele negócio de ir à mis-

sa, rezar e voltar para casa e acabou”. Sua mãe teve 15 filhos. Ela fala de si mesma: quando casou “era crua de tudo”. Lucinda faz parte, agora da Comunidade Eclesial de Base em que as pessoas, a partir de uma experiência religiosa, refletem com maior intensidade sobre a situação de carência, abandono, miséria, de falta de água, esgoto, luz, recursos para saúde, educação, etc..., e lutam para viver numa situação mais humana.

Queremos mostrar a abertura do horizonte no vivido de Lucinda que se dá na intersubjetividade, na experiência, na ação e como este dinamismo se determina pela redução fenomenológica (epoquê) para alcançar novos horizontes e uma nova lógica.

No relacionamento intersubjetivo abre-se para Lucinda um horizonte do mundo mais vasto, sua subjetividade tende a assumir a dimensão do horizonte do mundo.

São várias as pessoas que evoca como responsáveis pela mudança: seu esposo “a mudança partiu de ter encontrado o Pedrão e casado com ele, de ter conhecido o Pedrão, que já era da Comunidade em São Paulo; eu devo muito a ele...”.

Uma pessoa com quem teve profunda amizade a marcou: “Acho que tudo o que ganhei foi de uma amiga, a Roseta, inclusive me deu apoio muito grande, devo tudo aquilo que sou a ela, ela veio aqui me chamar para trabalhar no ambulatório”.

Outras pessoas também contribuíram: “A primeira coisa que eu lucrei foi que eu dei uma consciência grande para o pessoal e teve amigas sinceras que eu não chamo de amigas, chamo de irmãs, como a dona Alice, dona Percília, dona Moça, a Neves e muitas pessoas da Comunidade”.

O agente pastoral também teve sua participação: “Você também ajudou bastante”.

O relacionamento intersubjetivo alimenta o dia-a-dia como aquele que se dá na própria família, com os filhos, a desperta: “Inclusive com os filhos, toda vez que a gente senta para comer, o assunto é a nossa Comunidade”.

Os verbos “ganhei”, “lucrei”, assumidos de seu ambiente, são depurados do sentido normal (“mundano”), pois referem-se ao reconhecimento de um crescimento da subjetividade, e indicam a abertura do horizonte que se deu com a conquista e envolvimento com este horizonte.

O horizonte se abre na relação com o horizonte do outro, na dinâmica intersubjetiva.

No momento em que Lucinda é solicitada a dar sua opinião sobre um córrego no meio do bairro, que está criando dificuldade e precisa ser canalizado, ela expressa seu pensamento a partir do horizonte de sua experiência: “Eu, em minha opinião, acho que vai em frente, porque tudo que o povo se une mesmo, com fé, vai em frente; eu tenho muita experiência com o grupo de saúde”.

No contato com o mundo dos outros é que se abrem para ela, também, outros horizontes a nível de conhecimentos: “(lucrei) ... também a experiência minha de conhecimento, inclusive com esse campo de saúde, que tenho contato com 5 médicos e enfermeiras, a gente está sempre trocando idéias”. “Inclusive eu fiz um curso de enfermagem, não para trabalhar fora, mas com a Comunidade”.

O horizonte abre-se também na ação: “Ela veio aqui me chamou para trabalhar no ambulatório”. É por causa disso que ela percebe a necessidade de saber mais a respeito do trabalho que está fazendo e fez o curso de atendente de enfermagem. A abertura de horizonte determi-

na notáveis mudanças, uma práxis, um trabalho diferente, quando ela percebe que “não adianta eu ter a casa limpa, limpinha, se lá fora não tem isso”. Enquanto anteriormente questionava o fato do marido estar muito fora de casa, agora o entende e também sai de casa para se interessar pelos problemas de saúde que não se resolvem em casa e de alguma forma chegam até lá.

O horizonte parece se alargar da casa para o bairro, e do bairro, de uma visão mais geral, ele refluí, iluminando a situação particular. São os reflexos de luzes que por sua natureza, tendem a se alastrar até horizontes infinitos.

Como mulher descobre novo valor e a necessidade de participação na sociedade: “Antigamente a mulher ficava mais em casa, fazendo comida... A dona de casa deve lutar junto com o esposo ... onde só o esposo faz isso, e a mulher não, há um desentendimento muito grande. Porque as mulheres estavam muito para trás, elas achavam que vieram ao mundo só para cuidar da casa, dos filhos e do esposo, mas na verdade as mulheres não são isso. Eu acho que ela é igual ao homem em todas as partes ... dentro da Comunidade eu tenho campo para isso”.

Há um momento de Lucinda em que no horizonte mais amplo do mundo manifesta-se seu eu concreto em seu sentido englobante de toda a realidade, pela importância que ela tem em receber e dar sentido ao mundo. Ela realiza uma redução fenomenológica transcendental, de forma explícita.

Referindo-se à família em que nasceu, usa uma expressão que, no momento em que a pronuncia, parece surpreendê-la, porque é uma expressão que de alguma forma está fora de seu universo cultural. Com a consciência do presente, com a abertura de horizonte alcançada pela sua experiência, ela vê a maneira como vivia

quando pequena, em sua família, juntamente com seus irmãos, no relacionamento com seus pais: “Meus pais eram de sítio, e todos eram criados como objeto. Minha mãe muito boa, mas ela não tinha isso (Comunidade)... se naquele tempo existisse Comunidade, eu desde aquele tempo tinha crescido”.

A mesma expressão é usada por Lucinda quando interrogada a respeito da educação dos filhos. Ela frisa uma mudança que se deu dentro da Comunidade: “Mudou muito, eu era uma pessoa que eu tinha meus filhos como objetos que punha aí e ninguém podia por a mão. Então, conforme eu fui participando, eu percebi que não era isso”.

Ao dizer a palavra “objeto” Lucinda percebe ter sido tratada como tal e de ter tratado assim os filhos. Entende que não é “assim”, isto é, no horizonte de sua consciência apresenta-se a possibilidade que sua identidade e a de seus filhos seja de ser sujeitos.

Este momento de vivência de Lucinda é o ápice, o momento sintético da percepção e do comprometimento no horizonte do mundo. Objeto pela experiência de seu cotidiano, é janela, vassoura, feijão. A atitude dos pais a respeito dela de alguma forma era semelhante ao lidar com estas coisas. Mas agora percebe que é diferente. Objeto é algo “construído” pelo projeto do outro, é algo que não participa conscientemente do horizonte do mundo e não se envolve com ele.

Esta palavra, usada em sentido diferente de sua maneira normal, foi colhida em alguns dos vários ambientes por ela vividos, mas fixou-se na sua lembrança porque parece-lhe expressar de forma imediata seu sentimento.

Lucinda colocou entre parênteses o sabido, o natural, o normalmente vivido dentro da

cultura de seu ambiente, ultrapassou esta atitude ingênua, para chegar ao ontogenico de si. Ela se descobre como sujeito, descobre sua objetividade e se percebe como tal dentro da realidade, isto é, como “*sujeito em relação*”. Volta ao dado original de si, àquele dado que precede as operações simbólicas e as representações de seu ambiente, isto é, a instituição concreta e direta de si.

Lucinda é o sujeito concreto dentro da realidade do mundo da intersubjetividade em que toda realidade encontra seu significado e é significada ela mesma. Ela, sem saber, descobre-se como eu transcendental, isto é, é um eu, “uma consciência sem a qual nada daquilo que existe possa dar-se sem que ela seja”. (Tillete, 1983).

Lucinda não consegue formalizar em palavras o conteúdo de sua percepção, mas ele está presente em seu vivido enquanto ela se determina na ação em consequência da consciência de sentido de si e da realidade que ela vive. Junto com a consciência de si, aparece ao mesmo tempo o valor de sua dignidade e da dignidade de todas as pessoas, motivo pelo qual luta para melhorar a saúde do bairro, protesta pelo alto custo de vida, trabalha para que haja coleta de lixo, para que seja realizada a compra em comum.

Este é o momento em que ela se percebe como eu transcendental, realizando, assim, a redução do mesmo gênero.

Referências Bibliográfica

- Husserl, E. (1976). *Idee per una fenomenologia pura e per una filosofia fenomenológica*. Libro Primo. Trad. Enrico Filippini, Giulio Einaudi, Torino.
- Husserl, E. (1960). *Meditazione Cartesiane*. Trad. Filippo Costa. Bompiani, Milano.
- Husserl, E. (1965). *Esperienza e Giudizio*. Trad. Filippo Costa, Silva, Milano.
- Husserl, E. (1961). *La Crisi delle scienze europee e la fenomenologia trascendentale*. Trad. Enrico Filippini, il Saggiatore, Milano.
- Tillete, E. (1983). *Breve introduzione alla fenomenologia husserliana, a cura di Garulli Enrico*. Editrice Itinerari, Lanciano.